

fórum internacional de arte e comunidade



VERDE ADENTRO — comida bravia nas margens do rio Neiva Sábado, 12 novembro 2022

Conceção e dinamização: A Recolectora

De todas as cores existentes, o verde é a cor da qual conseguimos distinguir mais matizes. Verde inglês, verde azeitona, verde tropa, verde menta, verde relva, verde garrafa, são alguns dos nomes que damos às várias tonalidades de verde que vemos.

De facto, o olho humano pode ver mais tons de verde (e identificá-los mais rapidamente) do que qualquer outra cor. E isso deve-se a fatores evolutivos, dos quais acredita-se que o mais proeminente seja o reconhecimento dos alimentos. Os primatas, o grupo de mamíferos do qual fazem parte os homens, evoluíram dos ancestrais arborícolas das florestas tropicais, que se alimentavam maioritariamente de folhas e frutos de plantas. Num contexto de sobrevivência, onde o verde é a cor predominante, existia uma clara vantagem na distinção de frutas verdes de frutas maduras (carregadas de açúcar), bem como de folhas jovens e tenras (mais comestíveis) de folhas maduras (mais amargas).

Verde é a cor das folhas das plantas, dos prados, das ervas, das árvores. O verde está por todo o lado e, talvez por isso mesmo, já não o “vemos” devidamente nem lhe prestamos a merecida atenção.

Atualmente, muito pouco ou mesmo nada sabemos sobre a vegetação que dá a cor verde ao nosso planeta, e a quem literalmente devemos a nossa existência. De uma forma geral, sofremos daquilo a que a dupla de botânicos e educadores Elisabeth Schussler e James Wandersee designou em 1998 por “cegueira botânica”, precisamente para descrever a “incapacidade de o homem ver ou perceber as plantas no seu ambiente.”

Na Recolectora queremos desconstruir a ideia de um verde indiferenciado. Acreditamos que aprender a valorizar as plantas espontâneas que se comem e que nos curam, sabendo os seus nomes populares e científicos, as famílias botânicas a que pertencem, a sua importância ecológica e os seus usos ancestrais e contemporâneos, é uma forma de restaurar os laços que nos ligam a todos os seres vivos; é uma forma de criar lugares de troca e de coexistência mais empáticas e equilibradas.

Nesta atividade, agendada para dia 12 de novembro, com o apoio da Associação Rio Neiva, propõe-se a realização de uma atividade nas margens do rio Neiva, dividida em dois grandes momentos:

1. Caminhada de identificação e recolção de plantas espontâneas comestíveis;
2. Confeção coletiva de uma refeição silvestre simples, em fogo-de-chão, seguida de almoço e conversa.

A equipa será composta pelos fundadores do projeto — o artista visual Alexandre Delmar e a designer de comunicação Maria Ruivo —, a herbalista Fernanda Botelho e a chef de cozinha Maria Tavares.



fórum internacional de arte e comunidade



Através da deambulação, da recolção e da degustação, vamos embrenhar-nos no verde das margens do Neiva e revelar as múltiplas plantas bravias que constituem cada uma das suas matizes. Juntem-se a nós!

Ponto de encontro: Parque de estacionamento da Rua do Neiva. [Localização](#)

Horário: 10h00 — 14h30

Programa: Caminhada de identificação + Recolção + Confeção coletiva de refeição + Almoço

Nº limite de participantes: 20 pessoas



PARTICIPAÇÃO GRATUITA mediante inscrição*

INSCRIÇÕES: www.eventos.esposende.pt

* A inscrição nesta atividade inclui a oferta de um receituário e de um caderno de notas

Material aconselhável:

- Calçado apropriado à caminhada (botas/sapatilhas);
- Garrafa de água;
- Chapéu, se estiver muito sol;
- Agasalho/Impermeável, se estiver frio, vento ou a choviscar;
- Caneta e fita-cola, caso queiram construir um herbário ao longo da caminhada. O caderno é oferecido pela organização

Sobre a Recoletora:

A Recoletora junta botânicos, nutricionistas, *chefs*, artistas e designers num projeto colaborativo e itinerante que tem como objetivo a recuperação das plantas silvestres comestíveis (popularmente chamadas de “daninhas”) e a reabilitação da sua reputação, reimaginando-as e reintegrando-as nas nossas dietas e hábitos alimentares.

O nosso trabalho alia uma ação contínua de pesquisa, inventariação e mapeamento da vegetação espontânea comestível ao resgate de conhecimentos ancestrais e contemporâneos, numa lógica didática que propõe uma redescoberta da cidade através da recolção e da deambulação pelos territórios do baldio urbano.